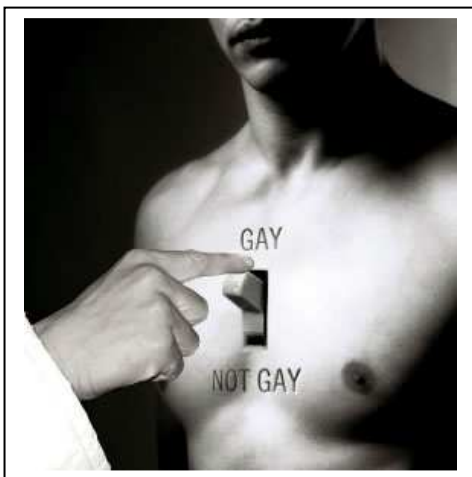


HOMOSSEXUALISMO, O “RAMO” DE UM PROBLEMA MUITO MAIOR



Ricky Martin assume pela primeira vez em público que é gay.

O cantor Ricky Martin assumiu publicamente sua homossexualidade. Ricky, de 38 anos, que é porto-riquenho e foi revelado nos anos 80 com o grupo Menudo, saiu do armário no seu blog:

“Tenho orgulho de dizer que sou um felizado homem homossexual. Sou muito abençoado em ser o que sou”, escreveu ele (...).

[Fonte: Gazeta Web (http://gazetaweb.globo.com/v2/entretenimento/texto_completo.php?c=201419)]

Em linhas gerais, o homossexualismo pode ser definido como uma atração erótica por pessoas do mesmo sexo, incluindo pensamentos, sentimentos, fantasias e atos sexuais com parceiros do mesmo sexo.

Há algumas décadas atrás, o homossexualismo raramente era mencionado entre pessoas educadas. Visto como algo pecaminoso, doentio ou ilegal, ele era ignorado pela maioria dos heterossexuais (inclusive os membros das igrejas).

Mas em 1954, após um relatório sobre homossexualismo, patrocinado pelo governo inglês, um grande número de homossexuais, que antes mantinham sua orientação sexual em segredo, saiu do “armário” para declarar sua homossexualidade, para formar organizações *gays* e para exigir que o governo, a sociedade e a mídia parassem de perseguir os homossexuais. Com a explosão da epidemia de AIDS, o homossexualismo ficou ainda mais em evidência. E a declaração acima demonstra como a discussão sobre esse assunto evoluiu ao ponto de se tornar algo comum na sociedade, na mídia e nas escolas.

Dentro do “gueto” evangélico a discussão sobre a homossexualidade tem gerado debates acalorados. Mesmo assim, ainda há cristãos que tentam ignorar o homossexualismo. Alguns fazem comentários insensíveis e sem fundamento a respeito dos homossexuais, outros despejam sobre eles toda a sua raiva e julgamento, enquanto outros parecem querer fazer do “homossexualismo cristão” um modo de vida legítimo e aprovado por Deus. Muitos crentes, talvez a maioria, não têm opinião formada.

Certa vez, ao aconselhar um jovem cristão com tendências e práticas homossexuais, ouvi como justificativa para tais comportamentos a de que *“Deus está me conduzindo para um novo tipo de ‘amor’; é um sentimento diferente que Ele está me revelando, algo mais profundo, sedutor...”*, disse ele na ocasião.

Considero a questão da homossexualidade, seja ela masculina ou feminina, não como sendo um problema em si mesmo, mas, sim, como sendo um “ramo” de um problema muito maior: a deterioração da família. Em outras palavras, a homossexualidade não é um problema teológico propriamente falando, mas, sim, um problema antropológico.

Entendo que perde-se tempo discutindo o problema da homossexualidade (que é um ramo), deixando de tratar da incontestável falência familiar (que é a verdadeira raiz do problema) vivida em nossos dias.



Para comprovarmos isso basta pararmos para pensar e analisar o *reality show* “Big Brother Brasil 10”, (promovido e exibido pela Rede Globo), onde três “coloridos” fizeram parte do grupo de confinados no programa. Na apresentação desses três participantes em nenhum momento foi mencionada a figura paterna. Já durante o confinamento, eles nunca mencionavam algo referente aos pais. Um deles, por exemplo, quando ia

para o paredão, afirmava que estava louco para rever sua mãe e suas tias...

Na maioria quase que absoluta dos casos, a homossexualidade está presente em famílias onde há ausência ou omissão da figura paterna ou, então, uma superproteção por parte da mãe. Quando não é assim, a homossexualidade também pode surgir como resultado de algum tipo de abuso sexual ocorrido na infância. E ainda há aqueles que deixam aflorar a sua homossexualidade como um mecanismo de defesa utilizado para esconder a “dor” causada por algo que ocorreu no passado. Tudo isso demonstra claramente que o problema do homossexualismo começa na família.

Na igreja, a situação não é diferente. Há muitos *gays* nas igrejas evangélicas, assim como existe fora delas. A diferença é que os *gays* evangélicos, por medo de represálias, optam por permanecer escondidos dentro dos “armários” da instituição religiosa que participam.

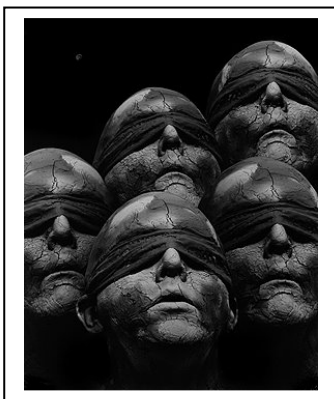
A pergunta que todos nós deveríamos fazer não é o que faríamos com um homossexual em nossa igreja, mas, sim, o que é que estamos fazendo com a realidade da nossa família.

Hoje em dia as pessoas (pais e filhos) não moram mais juntas. Elas apenas dividem o endereço. No momento das refeições, um membro da família almoça/janta no quarto, outro na sala, outro na cozinha, outro sai para comer com os amigos. Já nos momentos que deveriam ser separados para promover um “tempo de qualidade” familiar, estão todos “grudados” na TV assistindo as telenovelas (repletas de conceitos homossexuais projetados de forma subliminar). Nos finais de semana, não se encontra ninguém em casa. À noite, muitos saem para curtir as baladas e só voltam de madrugada, isso quando não deixam para dormir na casa de amigos.

Quantos aos jovens cristãos (tidos como esperança de futuro melhor), a maioria não está interessada em mudar esse quadro catastrófico. Fazer culto doméstico? Eca... Isso é do tempo dos nossos avós! Viver de acordo com os padrões descritos na Palavra de Deus? Caretice... Isso são práticas e conceitos que funcionaram na Idade Média. E quando estamos em casa preferimos manter um relacionamento com um “*login*”, do outro lado do computador, do que sentarmos no colo daqueles a quem chamamos de pai e mãe e pedirmos: Fale um pouco da sabedoria de Deus para o meu coração!...

Quando tratamos de questões como a homossexualidade, precisamos transmitir uma esperança realista, demonstrando amor e aceitação, incentivando uma mudança de comportamento e reconhecendo que esse processo pode ser longo e complicado. Isso não significa apoiar ou camuflar o pecado, mas, sim, apoiar o pecador e ajudá-lo no processo de libertação pelo poder do Espírito Santo.

É o poder do Espírito Santo quem opera mudança na vida dos GLBTS (gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e simpatizantes) e não o “poder” da instituição. O que tem ocorrido é um posicionamento, por parte da maioria dos evangélicos, contrário ao posicionamento que Jesus tomaria se estivesse em seus lugares.



Em resumo, o discurso do Evangelho de Jesus foi: “VENHA e MUDE!”. Já o discurso do “evangelho” das igrejas evangélicas é: “MUDE e VENHA!”. Nós temos invertido os “polos”... E com isso interrompemos e anulamos a Graça de Deus na vida daqueles que mais necessitam dela.

Precisamos voltar a sermos luzes neste mundo. Mesmo que este mundo esteja a cada dia mais “cor-de-rosa”... Mesmo que esse mundo seja a nossa própria casa, a nossa própria família...

Nele, que a despeito de ser discriminado, nunca discriminou ninguém, mas nem por isso deixou de dizer “vai e não peques mais...”,